

continua revelação do Senhor». A Igreja será «nas suas definições», o consciente reflexo de uma fé, que cresce, de uma revelação, que se desenvolve.

Fernandez fez um excelente estudo sobre estes Mestres de Salamanca, que foram e serão sempre uma glória para esta Universidade, para a Espanha e para a Igreja.

A edição é crítica e muito bem apresentada. — José Arieiro

SEMEARO, Cosimo. Restaurazione, Chiesa e Società. Edit. LAS. 1 vol. de 504 ps. 234×170. Roma 1982.

Todos sabemos a devastação, que a invasão napoleónica causou nas Nações da Europa, sobretudo no Estado Papal, não só pelo que foi destruído, mas, sobretudo, pelas ideias e espírito, que ficaram a dominar, nos povos conquistados pela França revolucionária.

O presente trabalho estuda a restauração do Estado do Papa, nas suas diversas fases, as imensas dificuldades encontradas pelo Cardeal Consalvi, um dos melhores diplomatas da Santa Sé, junto do Congresso de Viena, as lutas tremendas entre os que pretendiam a restauração pura e simples do passado e os que desejam um ajustamento correspondente aos tempos presentes, aceitando uma evolução inevitável.

O Autor, eminente professor do Pontifício Ateneu Salesiano de Roma, depois de uma introdução, que resume tudo o que se passou, começa por estudar a restauração e o território do Estado Pontifício na chamada, segunda recuperação, no quadro político e administrativo. Fala, depois, da restauração e da Santa Sé na renovação das Ordens Religiosas nas Marcas e Legações, bem como da reorganização eclesiástica e religiosa, terminando pela restauração e Dioceses, analisando o plano dos Bispos, a recuperação dos mosteiros, num esquema de revisão e de renascimento.

Completa este estudo com vários apêndices, transcrevendo os documentos mais importantes para se avaliar o trabalho enorme, dispendido pelas diversas entidades encarregadas pela Santa Sé de levar a cabo este ingente trabalho.

Vários índices: de pessoas, de lugares e de ordens religiosas facilitam a consulta deste valiosíssimo livro, enriquecido com uma selecta e actual bibliografia.

Valor deste livro: Trata-se de um estudo exaustivo, fruto de vários anos de consulta nos arquivos secretos do Vaticano e do Estado italiano e de outros de Ordens religiosas. O Autor revela uma capacidade invulgar de investigador, de crítico profundo e imparcial, que pretende expor a verdade com a maior objectividade, de modo que o leitor, fica a conhecer, perfeitamente, este doloroso período da história do Estado Papal, da acção napoleónica, do esforço dispendido pelos órgãos da Igreja para salvar o que era essencial, adaptar o que devia ser modernizado, acompanhando os sinais dos tempos.

É um livro precioso. Por ele se vê, quanto louvor merecem a acção do Cardeal Consalvi e as pessoas, que tomaram parte nesta empresa gigantesca de restaurar tudo o que foi destruído.

Dado o valor da obra, a perfeição da sua edição não é exagerado o seu preço 30.000 liras. — José Arieiro.

MARQUES, Armando de Jesus, Portugal e a Universidade de Salamanca — Participação dos Escolares Lusos no Governo do Estado 1503-1512. Ediciones Universidad de Salamanca. 1 vol. de 368 ps. 210×150. Salamanca 1980.

Mais um exaustivo estudo do autor sobre a Universidade de Salamanca, a acrescentar à já valiosa bibliografia que lhe dedicou: Portugueses nos «Claustros» «Salmantinos do século XV, de 1963; Um cisma de reitores na Universidade de Salamanca em fins do século XV (em colaboração com Florencio Marcos Rodriguez), de 1966; João Cão e Cristóvão da Costa — Dois Escolares de Lisboa no Estudo Salmanticense em 1552, de 1972; Conselheiros Portugueses na Universidade de Salamanca (1505-1506), de 1977 e, finalmente, Retratos luso-salmantinos, de 1980.

Obra profunda e incontestavelmente meritória, não só para o autor como

para a Universidade de Salamanca, visto esmiuçar-lhe dez anos da sua agitada vida académica, e para Portugal, por analisar e testemunhar com vasta documentação a presença e actuação dos Portugueses na velha Universidade. A obra estava concluída já em 1978, pois nesta data foi galardoada com o «Prémio de História Calouste Gulbenkian» na secção História da Presença Portuguesa no Mundo.

Por aqui já se pode adivinhar o alto nível deste valioso e trabalhoso estudo do P. Armando de Jesus Marques, doutor em Teologia e da Academia Portuguesa de História, que aplicou a melhor e mais pujante parte da sua vida à cultura e à investigação nos domínios da Teologia e da História e, de uma maneira muito particular, ao Estudo Salmantino.

Edição de apresentação excelente, desde a capa colorida interpretando a vida académica em Salamanca no período que estuda e transcrevendo um parecer de Aires Barbosa, desde o belo estilo literário da introdução, as siglas e abreviaturas, as fontes e a bibliografia, o apêndice com os dois catálogos, um dos reitores e outro dos vice-reitores, até aos quatro índices primorosamente elaborados, primeiro de matérias, depois de pessoas, em terceiro lugar de terras e, por último, de gravuras. Uma observação inicial a estes índices, explicando os sinais convencionais utilizados, facilita a rápida percepção dos assuntos e terras principais, sobretudo referentes a Portugal ou a portugueses. Foi pena que no índice de pessoas esquecesse de explicar o significado do ponto preto antes dos nomes das pessoas principais, que já vão com maiúsculas; talvez uma duplicação para lhes dar ainda maior destaque. Penso seria preferível omitir as letras capitais ficando apenas o ponto negro, que lhes dá maior destaque. Um índice elaborado com tanta meticulosidade não se faz sem muito trabalho, e talvez não compense na prática visto querer-se simultaneamente simplicidade e rapidez nas consultas.

Valorizam o livro oito gravuras, referentes às principais figuras e localidades estudadas na obra: a incorporação de Aires Barbosa na Universidade de Salamanca, o retrato do bispo de Angra D. Nuno Alvares Pereira com a

respectiva Sé, o frontispício e cólofon da Prática d'Arismetica de Rui Mendes e as últimas duas respeitantes a Souto (Penedono): o foral manuelino e o pelourinho e casas da câmara.

Na brilhante introdução insere-se o leitor no ambiente de Salamanca e da sua vida universitária. Vinham já de longe as recordações da presença portuguesa, já dos tempos de D. Afonso Henriques, a qual tendeu a ser cada vez mais numerosa e marcante em razão da proximidade, prestígio do seu estudo e barateza de passadio «em flagrante contraste com a carestia de vida a que se chegara na capital portuguesa por obra e graça da aventura dos Descobrimentos». (p. 9). Além disso, o ensino lá ministrado não sofria comparação com o da única universidade lusiada. Dai a elevada presença portuguesa, uns 10% aproximadamente com uma média anual de 500 a 600 estudantes. Foi esta exuberante presença lusiada lá que lhe conquistou «o direito a constituirem, com galegos e asturianos, a nação portuguesa e a serem representados por um conselheiro no senado de oito que elegia o reitor e o auxiliava no governo da Universidade». (p. 9). Acresce a essas causas o nível fulgurante de alguns portugueses que foram conselheiros do Estudo ou seus professores — e entre eles, acima de todos, Aires Barbosa e Ponte ou Pontianus.

Este valioso estudo arrancou da investigação persistente do autor à volta de Fr. Sebastião Toscano, tema da sua fulgurante tese de doutoramento em Teologia, o qual frequentou em Salamanca os gerais de Leis. Daqui nasceu o anterior trabalho do autor intitulado Portugueses nos «Claustros» Salmantinos no Século XV, resultante do estudo dos três mais antigos livros de claustros da Universidade, abarcando o período de 1464-1481. O presente livro é fruto da leitura e do difícil estudo analítico dos outros três livros dos claustros imediatamente mais antigos, compreendendo o espaço de 1503-1512.

O Doutor Armando de Jesus Marques, porém, não quis limitar-se a isso — dar uma árida lista de nomes — mas acompanhou e reconstituiu, até onde foi possível, as carreiras desses graduados que, chegados ao País, foram projectados para os lugares cimeiros da administração, tanto do Estado

como da Igreja, tornando-se numa aristocracia dirigente. Nesse sentido teve de consultar as obras impressas sobre a universidade portuguesa, as chancelarias reais de D. Manuel e D. João III na Torre do Tombo e outras fontes.

Na p. 12 o autor indica as especiais razões que o moveram a este estudo exaustivo, as quais convém referir aqui por mostrarem ao leitor a importância primordial do período e do livro para os investigadores de finais de Quatrocentos e dos princípios de Quinhentos: cobrirem os três manuscritos uma época de que falta toda a documentação referente à vida da Universidade, terem sido pouco consultados e quase sempre de forma ocasional devido à dificuldade da letra e respeitarem ao período da introdução do humanismo em Portugal, período muito pouco estudado mas de muito interesse.

Do estudo cuidado dos mais de 2.000 fólhos dos três manuscritos resultou necessariamente obter-se uma panorâmica geral da Universidade de Salamanca nessa altura, que sofria do cancro da constante promulgação de estatutos e de legislação contraditória. Vejamos rapidamente as matérias de maior alcance nos claustros, verdadeiro retrato da vida universitária: quase alheamento das preocupações educativas (esporádicas denúncias a ter-se armas e mancebas, desonestos vestidos e cabelos) e pedagógicas e alta predominância das de matéria administrativa; identificação com as de hoje das questões mais candentes da vida universitária: luta pelos postos de ensino e pela participação nos órgãos de governo; abuso das ausências dos professores, reitores e conselheiros; o delicado problema das relações entre a Universidade e a cidade, notando-se na primeira um constante empenhamento na defesa dos seus privilégios; apego de certos professores à cátedra durante a peste; as exorbitâncias e até injustiças dos professores após a obtenção das cátedras, não obstante a participação dos escolares na vida e gestão universitárias — reis de um dia; o ambiente baixo de pejúrio e de suborno que levou por vezes, a pedir-se ao reitor que fizesse a exposição do Santíssimo Sacramento; a eleição do reitor nas vésperas de S. Martinho de

Novembro — post noctis tenebras — fonte de grandes dissensões, propícias a profundas divisões e até a cismas; as reticências e dissimulações à imposição do latim nas aulas como língua académica.

Na segunda parte da introdução o autor refere-se aos trinta ou, talvez, quarenta portugueses detectados nos três manuscritos, referindo-se às suas naturalidades e filiações, aos estudos na Alma Mater salmantina e às tarefas de chefia, a que foram lançados no regresso ao país. Quanto à naturalidade, processa-se com regularidade do norte ao sul; a percentagem de clero é de 30%, de que um veio a ser bispo de Angra e dois cônegos, respectivamente, em Coimbra e Viseu; dos leigos, a maioria são escolares de mediana condição social, filhos de fidalgos rurais ou de abonadas famílias burguesas.

Importa igualmente ver os estudos que cursaram: 8 Cânones, 5 Leis, 3 os dois Direitos (Cânones e Leis), 1 Medicina e 1 Artes. Nenhum em Teologia e 16 em Cânones e Direito. Razões da preferência? Abria muitas possibilidades nos cargos dirigentes, sobretudo Cânones, cujos diplomados podiam concorrer não só aos do aparelho administrativo da Igreja como aos da magistratura civil. As suas funções nos livros dos claustros: 18 foram conselheiros ou vice-conselheiros (todos bacharéis, pelo menos, à data), 8 testemunhas em vários actos académicos, um proposto para reitor da Universidade e outro, que é Aires Barbosa, é catedrático e deputado. O Autor dedica boa parte da introdução à figura de primeira categoria que foi Aires Barbosa.

O Doutor Armando de Jesus Marques conseguiu ainda estudar as carreiras desses estudantes após o seu regresso: uns na administração municipal das suas terras, outros nas câmaras, dois no magistério universitário (Aires Barbosa na própria Salamanca e Francisco Fernandes em Lisboa), três na carreira diplomática, quatro na magistratura, um no exercício da cirurgia, outro na ciência matemática (pondo de parte o Direito) redigindo o estudo Prática de Arismética e, finalmente, dois eclesiásticos importantes na administração religiosa: um bispo de Angra e o outro administrador episcopal da vigaria de S. Jorge da Mi-

na. Tais currículos dos diplomados no país vão soberbamente documentados com diplomas régios. O trabalho que aí há só o pode avaliar devidamente quem anda enfarinhado nessas andanças!

No final da introdução há duas importantes referências: uma ao consumo do nosso sal em Salamanca e Castela, e a outra é a promulgação de uma lei por que o Venturoso retirava ao mestre-escola do Estudo Salmantino a faculdade de mandar citar nos seus reinos e senhorios os escolares lusos que tivessem lá cometido crimes.

Da p. 43 ao final seguem-se os 413 extractos que o autor tirou dos três livros dos claustros, devidamente ordenados cronologicamente. A margem esquerda de cada um teve o especial cuidado de colocar a numeração ou ordem para o índice final, a data e a cota exacta com indicação do livro e folha ou folhas respectivas. Talvez fosse preferível nas datas colocar primeiro o ano, depois o mês e, em último lugar, o dia. Todos os extractos vão perfeitamente separados com excepção

dos 110 e 111. São os extractos precisamente que nos dão o retrato real da vida universitária em Salamanca nas duas primeiras décadas do século XVI. A medida que os escolares portugueses surgem vai o autor urdindo-lhes, em condensadas e extensas notas magistralmente dispostas tipograficamente, os dados biográficos e curriculares.

Embora a obra se estenda por 368 páginas, o assunto não está ainda esgotado: talvez mais alunos portugueses a descobrir, mais dados biográficos a completar, hipóteses a fazer e a confirmar. Enfim, obra de investigação altamente meritória, livro de leitura demorada e indispensável a quem se interessa pela cultura do século XVI e pela Universidade de Salamanca.

Pela bibliografia vê-se que o autor consultou o que há de melhor na especialidade. Talvez ajude à reconstituição de uma ou outra biografia os Estudos sobre o Século XVI, de Américo da Costa Ramalho, mas de aparição e publicação posterior. — Franquelim Neiva Soares

Teologia Moral e Espiritual

ROCHA MARTINS, Mons. Alberto. **O Problema do homem e a realidade divina.**
Edit. do Autor. 1 vol. de 172 ps.
200x150. Barcelos 1981.

O Autor foi aluno distinto do Seminário de Braga, mostrando, ainda como estudante, uma vocação especial para escritor. Apenas se ordenou, começou a escrever no *Jornal de Barcelos*, de que foi Director, durante vários anos, colaborando, ao mesmo tempo, em vários periódicos, como *Diário e Correio do Minho*, *Debate*, *Diário Ilustrado*, *Diário de Notícias*, *Póvoa de Lanhoso*, *Notícias de Guimarães*, *Barcelense* e outros, e exercendo simultaneamente o múnus de Professor em vários Colégios (*Externato D. António Barroso*, *Colégio do Coração de Jesus* e de *D. Nuno na Póvoa de Varzim* etc. Embora sobrecarregado por tan-

tas actividades, foi publicando vários livros, discursos, conferências e estudos, que são lidos com reconhecido interesse pelos amantes da boa cultura.

Por morte de seu irmão Alfredo, tomou conta da paroquialidade da cidade de Barcelos, merecendo o seu trabalho a estima dos seus superiores hierárquicos: do Senhor Arcebispo de Braga, que o elevou à dignidade de Dom Prior e do Santo Padre João Paulo II, que o nomeou Monsenhor.

A Câmara Municipal de Barcelos, atendendo aos méritos de Monsenhor Rocha, houve por bem considerá-lo cidadão honorário de Barcelos.

Este livro está na 3.ª edição, prova irrefutável do interesse, que despertou nos leitores. De facto, o Autor sente a necessidade das boas leituras, pois, como Pároco, conhece o sentir das pessoas, que vivem dominadas pela dúvida, pelo materialismo sensualista dos